

ENSAIOS LITTERARIOS. JORNAL

De uma Associação de Acadêmicos.

« Shall he alone, whom rational we call
« Be pleased with nothing, if not bless'd with all?
« POPE ».

1.^a SERIE — N.^o 2.

OUTUBRO.



S. PAULO.

Typographia do Governo
(em Palacio.)

1847.



ENSAYOS LITTERARIOS

JORNAL

DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ACADEMICOS

INTERVENÇÃO

POR OFFICIOS DE HUMANIDADE.

Le droit est donc l'ensemble des conditions sous
les quelles l'arbitre de l'un peut se concilier,
avec la liberté de l'autre, suivant un loi gene-
rale de la liberté

KANT.

Um facto apparece ainda no mundo civilisado, que sem respirar a atmospheria de tempos barbaros não póde ter outro epitheto se não o de vandalismo: eu fallo da *intervenção estrangeira*. Na culta Europa, nos salões de Westminster, e na cõrte de Versailles donde partio essa luz fecunda, illuminadõra da fronte dos povos, que os tem guiado na missao da liberdade, ensinando-os a destronar tyranos, plantar dynastias populares e firmar constituições; lá mesmo n'esse fóco de sciencia, e onde tambem a politica machiavelica tem o berço, dia por dia discutem-se destinos de imperios, lavrão-se sentenças de morte de corpos politicos, fazem-se reis, e quebrão-se sceptros, viciando suas maximas scientificas, pela indole herdada de seos barbaros progenitores.

Um povo é soberano e livre, eis a verdade augusta consagrada nos axiõmas do direito internacional. Uma nação é livre por que é soberana, é soberana por que é independente. A independencia é por consequencia o mais nobre, glorioso, e santo apanagio da personalidade politica dos estados, seu pensamento é a politica de seos gabinetes, sua vontade a esphera racional de sua officiencia, sua liberdade a soberania nacional exercida pelos legitimos poderes constituidos. E poderiamos coadunar com a austeri-

dade de taes principios, o systema de intervenção? Não por certo, elle é absolutamente uma lesão de direito, por que se não traz o completo aniquilamento da politica seguida, vem modificá-la, e um povo que se deixa guiar pela politica estrangeira tem degradado sua personalidade moral, devendo ser riscada da lista das nações livres. Uma hypothese entretanto realisa-se que devidindo grande parte dos publicistas, fórma propriamente o assumpto d'este artigo; procurarei pois mostrar o erro d'aquelles escriptores, que olvidados da missão juridica dos povos na terra, sustentão a legitimidade do direito de intervenção baseado em officios de humanidade figurando gratuitamente de todo o orbe conhecido uma só nação, e todos os individuos cidadãos do universo. Um povo elevado a cathegoria de estado independente, é por uma ficção juridica uma entidade pensante, em sua consciencia encontram-se os deveres da ethica, em sua liberdade externa as obrigações de direito. O direito de uma nação é sempre circumscripto pela liberdade da outra. Descriminando as duas legislações ethica, e juridica, e mostrando que os officios de humanidade são d'alçada da moral, tem-se revelado que não existe tal direito de intervenção. Com effeito seria ousadia propalar que a sciencia do direito não envolve preceitos moraes, porem quando vemos não ser dado a tribunaes humanos prescrutar a intenção de actos externos, por que o sacrario da consciencia só pôde ser violado pelos raios da divindade; quando encontramos na esphera do direito acções juridicas sem um vislumbre de virtude, taes como o exemplo do mendigo repellido pelo rico avarento a quem pedia pão para o sustento do dia, e quando finalmente vemos os limites da moral tão bem delineados, e suas acções praticadas por que são deveres, e não pelo temor da justa força; pôde-se afirmar sem vacilar no raciocinio, que não se devem enxertar direitos na sciencia dos deveres, por consequencia não existe tal direito de intervenção. Uma theoria com tudo appareceo, que fingindo desconhecer a noção absoluta do direito, figurou um direito imperfeito para explicar essa força moral d'aquelle que pede. N'esta parte a escolla allemã perfeitamente delucida a questão e Zeiller em seu compendio de direito natural todo comciso, cabalmente refuta o paradoxo de um direito sem o *jus cogendi*.

E' verdade que as nações são eminentemente sociaes, e longe de nós essas theorias mesquinhas, e egoistas do delirio de alguns philosophos, porem o que o direito das gentes absolutamente reprova, é a audacia com que poderosas nações levantão-se, e sem consultar a vontade d'aquellas de quem se intitulão protectoras, com a espada em punho, ultrajando as cinzas dos patriarchas da patria, bra-

dão—officios de humanidade, direito de intervenção, e o desgraçado patriota vê todos os angulos de seu solo natal invadido por cohortes estrangeiras. pisados os tumulos de seos maiores, insultados seos braços, suas armas, e seos direitos inalienaveis. Este facto é tão repugnante, e tão anti-juridico, que se um misero estado prestes a succumbir debaixo dos ferros de um conquistador brutal, nos ultimos instantes de liberdade, dissesse, regeito a intervenção estrangeira, a nação interventôra devia recolher-se ao silencio. Quereis agora saber quaes os horrores de uma intervenção? Perguntai á velha e decadente Lusitania, perguntai qual o pensamento da nação portugueza, e essa outr'ora rainha dos mares responderá, lord Palmerston o sabe.

Perguntai qual a vontade da cidade invicta, e ella vos dirá ide ao gabinete de S. Jaime. Perguntai finalmente onde a liberdade portugueza, e todos dirão, indagai da rainha de Inglaterra.

Quereis saber ainda mais qual o abuso do direito de intervenção?

Cousultai a missão de M.^r Ouseley, e Deffeaudis no Rio da Prata, e o primeiro dirá consciencioso, não fôrão officios de humanidade, e sim o ciume de uma conquista franceza na chave d'esse rio commerciante. Consultai ao segundo, e este responderá; foi a requisição de uma duzia de francezes, que desconhecendo seos deveres, havião abusado da hospitalidade. Concluo considerando a intervenção justificavel como theoria de favores, e só justificavel quando pedida, tacita, ou expressamente.

* * *



Breves considerações sobre o Romance.

Na arvore litteraria germina um ramo, que cheio de seiva tende a aniquilar-lhe o tronco, e sobresair aos outros, que seccos, e velhos parecem ceder-lhe o lugar; este é o romance. Raro, e pouco conhecido no passado, e apenas apreciado pela sua raridade, este genero de litteratura tem hoje invadido o mundo litterario, e enchido os seos archivos. Usurpador, porque a usurpação é sua essencia, e o espaço, e o tempo, o seu dominio, elle tem descido á pintura de tudo, que a imaginação, e a reflexão póde crear, e produzir. Poetico, e colorido exerce sua acção sobre tudo que o coração reflectio, e deo á luz do dia: abstracto, e analysta é o psychologo, que indaga, e examina os phenomenos da natureza humana. Acolhido pelas sumidades litterarias é na actualidade o romance a ordem do dia dos salões, e das altas sociedades, e o recreio da classe pobre, e in-

fina da escala social. Revestido d'estas côres vivas, e bellas, que abundão nas producções da imaginação, elle captiva, agrada e deleita; e cheio de idéas abstractas occultas sob o vèo da inspiração, e da poesia, subtil e pensador domina a alma, instrue, e prende a attenção. Prescrutando os misterios, e a vida das classes, que dividem a sociedade, pintando, e descendo á descripção dos costumes, e usos do miseravel proletario, e do altivo aristocrata, espelha a sociedade em todas as suas phases; e embalando-se na região dos sonhos, creando sêres ideaes, e ficticios concentra-se no dominio da fantasia e das illusões. A realidade e a ficção são seos objectos, são o estadió, em que exerce sua acção. A narração de um facto real, ou imaginario, a descripção d'um sentimento constitue a sua missão: mas não resume-se n'isto somente a sua tarefa: elle necessita d'unidade, precisa d'um enredo, como o drama, d'um fim que é a solução do entrecho, e d'nma analyse do coração, e sentimento dos personagens. Assim o romancista é historiador, poeta, e psychologo em suas descripções: é militar, e maritimo, religioso, e estadista, misantropo, e cosmopolita, rico, e proletario, alegre e melancolico, sensivel e indifferente em suas composições. Elle entra pelo immundo lupanar, falla a algaravia com o ultimo homem do povo, senta-se ao lado da joven bellesa d'alta linhagem, e conta-lhe seos amores em phrases concisas, e escolhidas: penetra respeitoso o interior do templo e exprime a palavra de Deos ao asceta, que renegou o mundo, emmaranha-se no labyrintho da politica, e envolve-se em seos negros misterios, murmura do ministro, e da fronte coroadá: monta soberbo corcel, vae ao campo da gloria, brande o gladio, ou lança, e colhe os louros da victoria, canta a canção do marinheiro recostado sobre as amuras do navio, desafia as tempestades, e deixa escapar de seos labios stoicos o nome de Lusbel: consulta os segredos do coração humano, vibra todas as suas fibras, senta-se ao lado da mãe carinhosa, e falla-lhe de sua filha, ajoelha-se sobre a relva junto a lousa do sepulchro, inspira ao filho a probidade de seu pae, e diz á filha as virtudes de sua mãe: caminha por invias florestas, pousa sobre a margem do lago, maldiz, e escarnece a sociedade, transpõe o espaço, conversa á todos, e lhes falla a linguagem da humanidade. O divan, o mosteiro, a misera habitação do pobre, o mar, os rios, as cavidades da gruta, o amor, o ciúme, e os sentimentos são objectos de sua descripção.

O desespero do condemnado que deixa a filhinha na orphandade sem arrimo e protecção, as idéas confusas que o acompanhão neste entreacto, que medeia entre a vida e a morte, nesta transição do carcereiro para o carrasco, as execrações lançadas sobre a sociedade e sobre essa popula-

ça estúpida, que sequiosa de sangue espera ouvir a leitura final da sentença, e ver cahir uma cabeça e um corpo sem alento sobre o chão que parece estremecer de horror, o riso e as apupadas de homens desalmados, que sem sentimento contemplao á olhos enxutos este espectáculo, e a lagrima christa que corre tão dorida das faces do pobre velho, que diz-se pae, e que o desejo de ver ainda uma vez seu filho querido constrangeo á vir á este logar; o amor que começou sua existencia por um crime e que findou por outro, que sempre tragico em sua vida, venceo todos os obstaculos, e veio succumbir sob o escalpello do remorso, as illusões que acompanharao os amantes em seos devaneios suaves e bellos, e que a mão da miseria quebrou com seo aceno decretorio, o suicidio que arrastou ao tumulo dous corpos, que tinham-se envenenado com contacto criminoso, e que collocou duas almas reprobas junto á base dosolio de Deos para serem julgadas, o arrependimento que perpassou o coração da mae que amaldiçoou sua filha; o fanatismo e o entusiasmo por uma idéa, que arrebatou o politico a sacrificar os sentimentos humanos, e á esquecer-se dos privilegios que possuem a natureza e o sangue, e que sobre a campa do proselyto de sua crença arrancou com punhal fraticida as entranhas d'esse homem, cujo crime consistio em crer diversamete, e que era seu irmão, tudo isto descreve o romancista.

As ruinas dos tempos, que longe se forão no infinito, as justas e torneios em que o premio da victoria era recebido das mãos delicadas da predilecta virgem, por quem palpitava o coração, a couraça e a cruz oblonga do templario que mais de uma vez rompeo a meia lua do verdadeiro crente, a vida dos trovadores, que peregrinando de castello em castello vendião suas canções a troco de um pão, o mysterio do cavalleiro que levantou sua lança em defeza de outrem, e que salvo o deixou sem dar-se a conhecer, a aparição subita do amante nas bodas da desposada que lhe jurara fidelidade, as scenas que succedião-se entre os habitantes de um mesmo clan divididos em senhores e servos, estes com os cabellos cortados e aquelles que os conservavão longos e bastos em signal de liberdade, enfim o passado com suas tradições e legendas são o dominio, em que corre a pennã dourada do romancista.

A cabana do indio, que errando de regato em regato, de floresta em floresta dorme o somno da indolencia descuidoso da aurora seguinte, o canto do prisioneiro, que desafia a colera do inimigo, e alardêa de valente na guerra, e de ter bebido nos crâneos dos paes de seu vencedor, a tez morena da filha do deserto com seus cabellos que deslisão-se em desalinho sobre seu collo, e que rivalisão na cor

com o jacarandá dos bosques; a nudez do filho do Tamoio, que emballa-se na rede junto á fogueira que aclara seu rosto redondo e tristonho, a dança symbolica em honra do cacique, que os dirigio á victoria, e que a morte roubou-lhes, o ataude silvestre, onde encerrão-se os ossos de seus maiores, que no ultimo asylo da vaidade humana são olhados com respeito religioso, o cocar de penas pleiteadas com arco e flechas ás aves dos bosques, a côr amarella do genipapo, que vê-se impressa nas suas faces crestadas pelo sol, os costumes singelos das tribus conhecidas pelo nome de seo chefe, e que separão e limitão-se por uma collina ou por um arroio são descriptos fielmente pelo romancista.

A nobreza com seos braços e com as reminescias de seos avoengos descrida e desnaturada de seos usos antigos como a aristocracia Inglesa, ou firme e inabalavel em suas velhas crenças e costumes como a representação da primeira meza (1) na Hongria, o iman com seo turbante branco e com seo vestido carmezim passeando de um lado para outro diante da mesquita, os jardins embalsamados do Oriente com suas cidreiras e aloés, as celestes houris bellas como o orvalho matinal, voluptuosas como o filho de Ismael, e divinas como o Alcorão tecendo a grinalda que deve cingir a fronte do verdadeiro Musulmano; o infeliz escravo das Antilhas regando a terra com o suor de seo rosto, bronco e miseravel como a escravidão; o mendigo crusando os portaes do rico e poderoso, que lança com desprezo esmola escassa induzido mais pela ostentação do que pela dó e compaixão que sente ao ver este que é seo irmão e que a miseria desnaturou os foros humanos; o espurio atirado á roda da caridade por mãos estranhas, que o acharão abandonado na fria lage desprendendo o vagido expressivo da innocencia, planta isolada sem mãos que a reguem, sem um coração que abrigue-a em seu seio, o véo mysterioso que encobre seo nascimento, e que o tempo vem finalmente rasgar e manifestar á luz do dia; os usos de um povo, de uma classe na sociedade são factos de que senhorea-se o romancista para suas descripções.

Mas não é esta somente sua missão: vendo o prisma das paixões ou considerando-as em sua realidade, elle divisa um ponto, uma luz que é o seo pharol. Pintando de côres reaes o facto primordial, que constitue o enredo do romance, elle leva o leitor até as bordas do abysmo, onde vae perder-se sua personagem, inspira-lhe terror, e fal-o apreciar as consequencias miseraveis de seo delirio: e colorindo de idéas suaves e puras o papel principal represen-

(1). A primeira meza representa a camara alta, onde sentão-se os nobres.

tado em suas composições conduz o espirito á virtude, e fal-o reconhecer o que constitue sua verdadeira dignidade e nobreza: a moralidade é o porto para o qual elle faz força de vella, e envida todo seo vigor e genio.

Exprimindo a realidade do passado e do presente examina os passos, que o homem tem dado nestas duas idades, analysa as condições da existencia de uma secção da sociedade, observa miudamente seos caracteres, escolhe uma fracção de nossos sentimentos para reproduzir e comentar: e cercando de uma aureola brilhante a pureza dos costumes de uma classe e de um individuo, e ferindo com a critica severa do juiz imparcial a adopção de usos que a superstição, o prejuizo e a ignorancia arraigarão em seo animo absolve ou condemna o passado, julga o presente, prepara e purifica o futuro.

O seo estilo é pobre, medianno e elevado segundo a posição do individuo que descreve: ora reveste-se de flores e reflecte á phrase concisa e profunda do philosopho, ora traça simples vestidos, e deixa ver a travez de seo véo diaphano e singelo a palavra chã do plebeo, ora respira mediana, colloca-se entre o sublime e rasteiro, e mostra a linguagem energica e intelligivel da classe media cheia de côres vivas e de simplicidade. No seo phantasiar elle concebe a possibilidade de um phenomeno, guarda a realidade nas ficções, e no dizer a verdade elle a retoca com o colorido, que lhe fornece a imaginação. Sublime e grandiosa é a sua missão! elle manifesta o horror da paixão em seo ponto culminante, patenteia a singeleza da virtude em seo estado calmo e sereno. Porem ardua e difficil é a sua tarefa: elle precisa collocar-se no lugar, em que acha-se sua personagem, necessita fallar a sua linguagem, sentir os seos sentimentos, adoptar seos costumes e prejuizos, viver na mesma epocha e no mesmo paiz, deixar-se dominar pelos mesmos objectos que lhe fazem mais impressão, precisa emfim representar todos os papeis, a tudo assignar o que é proprio e adequado.

(Continuar-se-ha).

A P F.



IMAGINAÇÃO.

Um meditar.

Era noite, alta ella ia — as solidões profundas e serenas do Céu, tristonhas pelas nuvens que passavão e repassavão, mandavão a espaços um raio incerto e baço da

lua que se perdia nos abysmos do firmamento: n'essa hora em que o vulgo divisa um fantasma na sombra pardacenta da arvore solitaria, ouve no rugido das vagas um gemer de moribundos, e no trepidar da corrente espadanando no precipicio um brado do inferno, eu me surria amargamente, porque a sombra da arvore era a companheira de minhas negras vigalias, o rugido das vagas e o trepidar da corrente o acalantar do meu somno de pezadello. E meu coração se dilatava com essa harmonia mixta de toda a natureza, harmonia só conhecida do desgraçado á sós no mundo, harmonia que gerava em minha mente um pensamento profundo como as solidões do Céu, tristonho como os baços raios da lua—o da morte.— E meus labios se surrirão menos amargamente, porque lá debaixo da terra recalçada pela pá do coveiro, o coração é mudo, o soffrer acaba, e o esquecer é inevitavel.

O esquecer! oh! quem o dera para o passado!

Mas debalde! ante mim sempre o vejo erguer-se como um cadaver coberto de um sudario putrido e corroido pela humidez do sepulchro onde jazera, e vir com seus labios de caveira dar-me uma d'essas risadas de maldicção infernal, que é um sarcasmo para o presente, e um desafio para o futuro!

O passado é um mundo de fantasmas realizados pela imaginação nas longas bem longas horas do triste devanear, é um pesadello horrivel que suffoca o que nelle fôra feliz, é uma pagina de caracteres de fogo que cega arrancando lagrimas de sangue.

E essa pagina ahi estava ante mim resumida em duas palavras—amor, e crença.— E meus labios cessarão de sorrir, que cá dentro tumultuavão os pensamentos de minha vida inteira tão breve sossobrada nos escolhos do descrer, e espremião o coração como tenazes encandecidas nas fornalhas do inferno; porque amor, e crença tinham sido arremessados a um abysmo como um cadaver ao mar, e nesse abysmo insondavel aos olhos do mundo se perdia um futuro inteiro.

Amor!— com o coração cheio d'elle lancei-me no mundo, e só encontrei écho no surrir de desprezo que me atiravão como a um renegado; esse amor tão immenso, tão cheio de seiva da vida, viçoso e livre como a roza dos campos, como a fonte do deserto, esse amor alimentado por meus pensamentos no callar da noite quando a brisa sacode do cipreste o orvalho que vai gotejar das bordas das campas, quando as aguas do mar balloução-se no seu leito cavado pela mão do Eterno, não achou um palpar de seio virgem que o acolhesse, falleceu á mingoa de alimento, como a planta em areal deserto definha e morre á mingoa de uma gotta de orvalho: o mundo o renegou, e eu reneguei o mundo cuspiendo de meus labios requeimados uma maldicção!

Então foi o arremessar-me com o desespero n'alma nas dissoluções da vida, foi o beber sorrisos de labios mentidos, e o repousar a face em collos impuros sobre os quaes sentia arder a larva da devassidão: então o amor puro e virgem gastou-se a força de usar-se; a bonina que desabroxara na manhã da vida com todas as pompas do seu vecejar, antes do meio dia se pendurara sobre a haste murcha e triste: e hoje cahida, mirrada e secca nem as auras lhe aspirão mais a fragancia, nem os Céos lhe mirão as harmoniosas côres.

Cancei:— o coração já se não debatia com ardor nas arcas do peito, era frio: os labios sellados pela amargura como a campa pelo chumbo já não surrião; ou quando nelles pairava um surrir era elle doroso como um devanear de terror: a voz era triste bem triste como o toque por finados em horas mortas, e o gesto pallido e carregado como um espectro de remorsos em noites de agonia.

Então o sol perdeu seu brilho, a lua sua melancolia, o prado sua verdura: tudo era morto porque a imaginação dessecada pelos despresos dei a consumir á desesperação; e a desesperação a consumio.

Uma alta se fez no meu penar; a ferida se affizera ao ferro e parecia não sangrar: mas a razão arida e fria como a ventania do inverno queimando as flores do estio, veio destruir a unica haste, a que minh'alma se abrigava, despertei, e pensei na vida. Oh minhas noites bem mal dormidas, testemunhas do lutar con-

tinuo entre essa luz que desaparecia nas trevas, e a voz da razão que me repellia della, quantas e quantas vezes chorando lagrimas de sangue não pedi o repouzo para este despedaçar de todas as minhas esperanças, para este desesperar do futuro!

Duvidei dos homens que elles erão um mixto de egoismo, hypocrisia e infamia, em vez de virtude, amor e dedicação, duvidando aborreci-os. Depois fui passo a passo nesse caminho irresistivel aguilhoado por uma voz imperiosa e cheguei até a Divindade!

A crença de meus primeiros annos fugia, fugia, e eu não podia parar no despenhadeiro horrivel que me guiava ao — nada. —

Lá erão esses tempos quando prostrado na nave do sacro templo minhas lagrimas corrião doces á harmonia dos cantigos virgens acompanhados pelo orgão, ou ao psalmejar triste e pausado do venerando sacerdote, imagem da esperança na terra! lá a fé viva de meus paes ensinada pela piedade de uma mãe nas orações repetidas ao toque do angelus, tudo, tudo desaparecia a uma palavra que me feria os timpanos, lugubre como o soluçar do moribundo — a duvida. — Oh! que não adormeci eu ao sussurro da brisa da morte, que a aurora da minha vida não descorou á humidez do sepulchro, antes que estes incomportaveis tormentos me viessem retalhar a alma? Mil e mil noites ao clarão baço da tocha ou ao frio do vento agudo a escutar o despedaçar das vagas nos alcantis do mar, minha alma procurou uma estrella que alumiasse as trevas do viver, e essa estrella era palida como a luz dos mortos em ora extrema: para ella me arremessava com desespero — unica taboa de salvação que me ficava no immenso oceano do descrer — e quando uma oração me rebentava dos labios fervida e procelosa como o pensar que a devorava, quando uma lagrima despontava requeimando a palpebra, que já a desconhecia, a voz horrivel da duvida, fria como o ferro entrando nas carnes, cortava a oração expirando á flor dos labios seccos e gelava a lagrima na palpebra arida! oh! o desespero então me arrojava para longe dessa estrella vacilante que tombava da altura dos Céos nas profundezas do nada! E o nada era a palavra ignea que eu via escripta na folha da arvore, na corola da flor, no rochedo do mar, e na face dos homens, E o nada é a palavra que veio substituir no meu presente á palavra crença do meu passado.

O que é a vida sem amor e sem crença? um abysmo caudaloso onde o pensamento se perde para nunca mais se achar, um luctar continuo entre o impossivel e a eternidade, um orar tormentoso interrompido a cada phrase, a cada palavra.

Assim é a minha vida do presente tão diversa da do passado. Quanto não devo aborrecer o mundo que exaurio o manancial do amor, accarretando o duvidar do sceptico! E o mundo se ri e folga, que para elle ainda ha amor e crença, para elle ainda uma mulher que o embriague de sorrisos nas horas do contentamento, e derrame lagrimas de dor nas horas de tristura, para elle uma luz que nunca vacilla, uma esperança que nunca se desvanece, e as dores me retalhão a alma, que para ella só ha a soledade do coração e a agonia do descrer!

Oh! um sepulchro, onde meus olhos cançados se feichem ao somno eterno, e minha attribulada cabeça repouse alfin no humido travesseiro da morte.

E o esquecimento para o mundo, e o nada para a eternidade.

C.



ESTUDOS SOBRE OS COSTUMES NACIONAES.

O PESCADOR.

I.

UM PERFUME DE NOSSA TERRA.

São muito bellas e mimosas essas nossas ribeiras do Brasil, a debruçar-se mansamente sobre o mar, e á mirar-se nas aguas seus festões de rozas, toucados pela

brisa da manhã: e a onda a rolar-se suavemente pela areia da praia á vertor suspiros na humida exalação de seus amores, e a viração aérea a sorrir-se no seio da florinha de espuma desabrochada entre o azul dos mares, como uma perola engastada em saphiras.

São muito lindas e faceiras essas encostas dos valles, que se meneião pelas ribas do mar, a rivalisar de graças e louçanias, a trocar perfumes e harmonias como a se enamorar. E o regato mistura seus aljofares ás saphiras do mar, e a palmeira desdenha a viração da tarde sua ramagem de verde esmeralda: e a ciclia se revê nas aguas, alva e pura, nessas suas horas de innocencia: ha flores em que a alma aspira uma poesia no mudo calar das inspirações, mas nessa transpira um reflexo tão vivo do sentimento, um como magico devaneiar do coração, que sonha-se a descuido a imagem da mulher no rapido perpassar da mocidade.

E são tão mimosas e faceiras, essas ilhasinhas a iriar-se nas aguas azues e a meneiar-se sobre o mar como lindas corbelhas de flores enlaçadas d'alvo bracinho de camponeza, ou como ninhos de narceja á folgar no cimo da vaga entre as algas marinhas. Tudo exala incenso e harmonia entre seus rozaes de flores, entre os festões de suas grinaldas de trepadeiras. E por entre essa natureza muda, a sorrir inspirações, donosa e feiticeira como uma fada á fadar encantos, se mostra a natureza animal, rica de galas e harmonias.

E como é bella essa nossa terra pelo sereno amanhecer de um dia de verão. A alvorada se arraia de ouro e purpura entre os perfumes que deslisão ao ourijar da brisa: cada gotta de orvalho desenha uma perola sobre a relva do valle: mansas bem mansas se quebrão as vagas nas lindas fragas do mar, onde o musgo desabotoa sua alva florinha. E' uma linda manhã, um desses sorrisos de alvorada aério como um sonho, um suave e gracioso meneio de virgem embellecido por suave expressão de innocencia e candura, por magico reflexo de uma inspiração de amor: e o calido sopro da brisa entre moitas de flores, é como o perfume colhido no rubi de um labiosinho mimoso, no engraçado desalinho do acordar, e o suspiroso arfar da natureza, é mais do que a maga inspiração de um beijo.

E' tão bonita, tão bonita essa nossa terra que só de sonhal-a vivemos, que não de fruil-a.

II.

O PESCADOR BRASILEIRO.

E' n'uma d'essas nossas ribeiras, e que seja a mais garrida e louçã (1): ali por beira-mar se mostra entre as murtas da praia, uma alva cinta de casinhas de pescadores, debruçada sobre as ondas, a olhar disvellada e risonha a bahia que se desenha á seus pés, placida e serena.

Socegados, que bem socegados se escoão os dias pela existencia calma do pescador, descuidoso que bem descuidoso resvalla esse alegre viver do mar, á florir uns intimos gozos, tão intimos, tão intimos que só se esquivão d'alma á deslizar pelos labios, na magica exalação de uma prece: são uns gozos tão fascinadores que desencantão o pensamento de seu quebranto de sonhos: porque sonhal-os, se a alma os frue bem fruidos lá no seu meigo scismar de recordações: seria profanar-lhe esse encanto, esse perfume tão doce e suave, esses seus enlevos tão singelos e modestos, inspirados na simplicidade de uma conversa ao serão.

Cuidados d'essa vida, se acertão de vir, não lhe fazem grande mozza, que o pescador vive de monção, como o mar: alegre sempre e expansivo de bem cedo á vogar nas ondas á sós com o seu barco, soe desdenhar da morte no descuidar da vida. Quando a tormenta deriva negra e carrancuda sobre o mar revolto, sentado

(1) A Bahia do Rio de Janeiro.

em seo barquinho que se leva atrevido sobre as ondas, sente elle o halito da procella a crestar-lhe as faces, e arrojado lá no cimo da vaga subida sobre os abysmos, como a ponta minada do fraguado, seu olhar destemido se extasia de admiração e procura devassar entre o véo de luz do relampago, uma imagem que a mente lhe revela: menino e já rojado sobre as ondas batidas do temporal, elle se compenetra da morte, e a falta de comprehender-lhe os misterios, acredita-lhe a suprema necessidade e quasi advinha-lhe, se não lhe suspeita uma idéa de suavidade e doçura á enleiar o pensamento nas altas concepções da eternidade. O pescador sabe Deos e a morte: não lhe traquina a mente por sondar misterios: tem no seo coração Deos para amar, a vida para resar-lhe santas resas que lhe ensinarão seos paes, e a morte para se ir ter com elle, tractar os santos, conversar os anjos, e pedir a benção á sua linda madrinha lá do Céu — Nossa Senhora — alva e bonita como sua irmã no seo cuidar de singeleza. Pequeno, bem pequeno, se quedava elle sobre o collo de sua boa mãe, a escutar-lhe a historia de seo pae, que um dia se foi a pescar por esses mares de Christo, e não se tornou mais: e sua mãe chorava duas grossas lagrimas bem tristes, como são lagrimas de mãe, e elle com sua intelligencia de menino e essa fé inspirada, lá se ia a pensar que tambem um dia havia de morrer como seo pae. Essas crenças de infancia, selladas pelas sagradas tradições de familia, inspiradas na magestade solemne da natureza, dá a esses homens de mar um heroismo e uma intrepidez admiravel.

Assim, bem puros e socegados devassão dias da vida á morrer na eternidade com as flores do passado: não os sonha de revolver a mente, que cutros bem quietos e placidos, como ventos de feição lhe promettem esquecer estes já desfolhados. O homem só reverte a cuidar o passado, quando amargas realidades do presente lhe andão a encobrir esperanças risonhas do futuro: crestada pela desgraça a alma impossibilitada de rastrear seos sonhos de ventura se leva anhelante para o passado, vive e revive essa vida já tão vivida, e vem morrer outra vez ás orlas do futuro, morrer essa sua vida de sonhos, e sua primeira existencia de realidade e innocencia.

Muita vez succedia ir-me a passeiar ao longo das ribeiras encantadas d'essa nossa bahia, a ver a alvorada desatar-se em flocos de luz pelas sombras do crepusculo: pelo andar do caminho me encontrava com uns rapazes muito vivos e risonhos que era um prazer vel-os traquinar: erão filhos de pescadores da costa, meninos de 9 até 10 annos, com um chapeo de vime enterrado na cabeça, com uns olhos bem negros e grandes, e a cõr crestada pelo sol: travessos e garrulos que são estes meninos que suas mães não sabem como atural-os: e teimosos como vós nem imaginaes, teimosos como uma vara elastica de vime que mesmo vergando forceja por sahir das mãos do lavrador. E' uma corja de pequenos demonios: quando bem fracos ainda, que os braços não lhe ajudão a nadar, pobre da casa, que padece: tudo por ahi serve de barco e lá de vez em quando o barco açodado pela tempestade pula, vae á pique, e o barqueiro no meio de toda esta barulhada á gritar por todas quantas juntas tem: é um sabaat infernal: e como peripecia bem triste d'esse drama, lá vem uma boa surra bem puchada pelo braço vigoroso de sua mãe: e seo pae a rir-se a tudo isso, e a dizer com sua voz prophetica que seo filho hade ser um bom pescador como elle, nao temendo mar e vento.

Entre esses meninos, que eu vos dizia encontrava pelo andar solitario de meo caminho, havia um que era um perfeito diabrete; e sua mãe o amava muito, e o tratava como um brinco; tambem muitas invejas mettia elle aos seos companheiros quando ao domingo lá se ia á missa com sua mãe na igreja proxima, que era se bem me lembro da invocação de Nossa Senhora do Mar (*): mettia muitas invejas

(*) Ao correr da praia de S. Christovão, ha uma ermida da invocação de Nossa Senhora; os barqueiros e pescadores que navegação aguas d'aquellas ribeiras a chamão a — Igreja do Mar — que sobre o mar está ella, bem vista de longe pelo barquinho que corre ao largo: a historia d'essa igreja é uma linda historieta de mar, uma d'essas rosas marinhas cheias de incenso e perfume, como só nascema beira das praias.

como vos contava, porque vestia o seo bello gibão domingueiro azul, de botões de metal, e levava á banda, com certo arzinho de garridice o chapeo de palha cercado de fita preta. Porem atormentava muito sua mãe que lhe queria tanto do coração; quando lhe fugia elle de casa a brincar a beira mar, vinha ella sentar-se á sua gelosia verde, e seos olhos o seguião sempre, que não se cançavão de olhal-o, que lhe era uma afflicção deixar de vel-o: era muito susto de mais, encarecido por um amor extreme porque o marioalasinho nadava como um peixe, e mergulhava como um mergulhão. N'uma d'essas manhãs em que me eu andava a passear, o menino se fingira de casa, que assim fazia elle todos os dias, e fugira e se lançara logo no mar á se banhar: e como visse sua mãe na sua gelosia velando seos zelos de mãe, vierão-lhe uns desejos de fingir que morria, e largou-se a mergulhar e a mergulhar muito, e gritar que se estava morrendo. Quando bem sustos e afflicções havia curtido no seio da pobre mulher, quando bem lagrimas e bem tristes lhe desatara dos olhos pelas faces, como se gozos d'alma feliz se acrisolassem nesses finos aljofares que o coração triste desfolha sem esperanças, quando lhe havia desenrolado diante da vista o sudario da morte muito negro e medonho como elle cria lá comsigo o rosto de Satan, então surgia na praia muito lepidio e fresco, e corria á abraçar sua mãe, e a entornar-lhe n'alma essas doçuras ineffaveis, como só sabem gerar e fruir uma innocencia de menino, e um amor de mãe; e a boa mulher chorava de alegria, como chorara de dor, que tambem como esperanças as decepções se acrisolão em lagrimas, e a alma as perfuma, á essas mimosas florinhas do sentimento, e um suspiro á verter com ellas diz um mundo de soffrimento, como um sorriso a florir entre ellas reflecte um mar de delicias.

Estes quadros dos bons costumes de nossa terra, são umas alegres recordações d'essas minhas tardes estivas, bem deliciosas, como embaladas sobre as ondas, ou passadas á beira mar á olhar tudo que me acertava pela vista, que tudo me sorria entre flores como uma maravilha da terra, e em tudo a tarde vinha poisar docemente um encanto do Céu. O que queria muito de meo, era contar-vos isso como eu sentia, singelo e modesto; mas a alma é muito egoista d'esses nossos intimos sentimentos, e minha alma mais egoista que nem-uma: eu não sei... mas nãe a queria assim.

III.

SEU BARQUINHO, E SEUS AMORES.

Muita vez, pelo escacear da tarde, quando a tormenta rasga o seu manto de chumbo com um luzir de fogo, uma pequena vela se esquivava entre as sombras da noite, a se acoitar nas safaras da costa: é o barquinho do pescador. Vós bem sabeis o que é um barquinho de pescador cá por essas nossas ribeiras do Brasil: pois eu vos digo que de vel-o muito pequenino e engraçado como uma madreperola sobre as aguas, muito ligeiro e airoso como uma garça real, os olhos se me encantarão a miral-o tão lindo, tão lindo á garrir-se entre as fragoas incendidas da alvorada, como uma dourada a se aquecer ao sol, que me vierão a mim muitos desejos de ter um barquinho assim, de amal-o bem amado para viver sempre com elle: era um desejo somente, e nem teve suas esperanças, era um desejo muito extravagante, e eu vo-l-o confesso sinceramente.

Como eu vos estava a dizer vós sabeis o que é um barquinho de pescador nesta nossa boa terra: mas o que nem por sombras sabeis são uns amores que elle tem ao seu barquinho, uns amores muito entusiastas e muito ternos, que lhe andão á curtir bem ledos praseres com as dores da vida, e a lhe acrisolar bem gratas esperanças nos padeceres do mundo: é que nunca vos vistes sosinho no meio dos mares a scismar a vida, que nunca folgastes com a tempestade, e fostes repellido a existencia pela morte que vos escarnecera, e que em tudo isso no florir da vida, como no garrar da morte, não sentistes nesse barco mudo um companheiro que se cuidava palpar com suas ancias, e um amigo que vos escutava as exalações do sentimento partidas de lá, de bem do intimo da alma. E o pescador que tudo isso

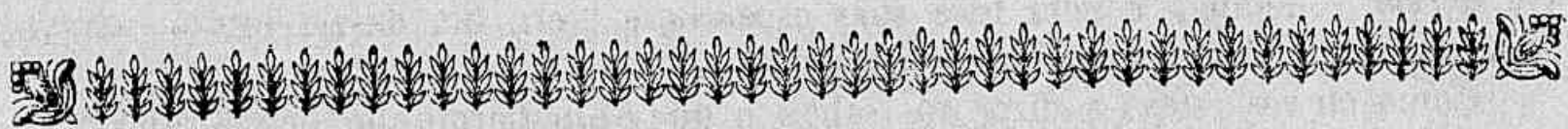
sentio, e creio, e comungou d'alma como boa crença que era de seos paes, ama muito o seo barco, muito e muito como a sua namorada: com uns olhos de fada o olha elle e tão bem fadados que lhe enfeitiça garbos e louçainhas nos modestos aceios: e bem faceiras e mimosas se alardeão lá nos seus cuidares amorosos, as graças desse seo barquinho a devaneiar-se de travesso nas aguas asues, como uma borboleta do mar que andasse á aspirar aromas d'essas alvas papoilas de espuma.

Um barquinho tem suas tradições, sua historia tanta vez contada aos serões, e seos misterios de amor e suas recordações de familia; e o pescador o ama com muito orgulho, que sempre foi elle o mais ligeiro no andar, e bem de pareos correo e ganhou: amores de sua mãe bem ledos ahí resvallarão entre as flores da innocencia á desfolhar sua coroa de virgindade no regaço da noiva; e esse barquinho alegre remanso de namorados, festivo leito de esposos, é quasi um berço para elle. Todo o barco de pescador tem um nome muito mimoso, muito doce, um nome muito cheio de poesia e sentimento, como só sabem imaginar esses homens do mar, um nome roubado á sua namorada, que finge se arrufar do innocente furto, mas depois sorri de orgulho e faceirice quando lá vê passar o barquinho de seo nome mais airoso, e esbelto entre os outros: ella mesma o baptisma com suas lindas mãozinhas, e lhe canta um bom fadario de isenção.

Bem de vezes o homem se vae longe, bem longe de sua familia, a viver sua vida muito sosinho e isolado do mundo, sem ter nem um ser que lhe oiça o que elle sente no intimo do coração para sentil-o elle tambem, e dizel-o: — vida d'esses máos tempos é somente de quem a vive: — só elle a sabe gozar nos seos momentos de solidão, comprehender-lhe magias que lhe sorriem aérias e fantasticas no espaço: e elle a guarda bem egoista á separal-a da vida dos outros homens: um pensamento de pesada realidade que lhe resaltasse do mundo, rasgaria o véo vaporoso e fantastico d'esse viver de sonhos. Bem limitada se cuida essa vida, bem limitada como é um barquinho onde mal se cabe o pescador, e descuida quem assim pensa que o barquinho se leva affeito sobre as ondas, e lá se esquivia a sumir-se nas linhas do horisonte, que elle é livre como o passaro, e intelligente como o marinheiro. E mas bem estensa é essa vida do pescador, que não se adormece ás dores do homem nem se acalenta ás vaidades do mundo, e que respira em tudo e nada, em tudo onde ha uma inspiração de Deos, e um pensamento de homem, no nada onde a intelligencia enxerga um misterio, e a eternidade reflecte um mundo.

Ha nessa existencia muita poesia, d'essa poesia bem simples e bem singela, que não é sonho de sentimentos, mas enlevo da vida, doirado pela fantasia: é uma poesia muito casta e risonha á se entranhar n'alma em suaves devaneios á se exhalar dos labios do pescador em canções do mar: bem modesta as solta elle como o pensamento que a creou: e a natureza se encarrega de vestir-lhe as aérias melodias: suspiroso seo canto rude se parece afinar em harmonia dos Céos, nessa grande harpa de Deos, que vibra direito ao coração: de tudo essa harmonia rouba uma inspiração, e um perfume, em tudo encanta um sonho n'uma esperança, e se esvae a tirar um suspiro á alguma saudade peregrina de virgem. (Continua.)

Imãã.



REFLEXÕES

Sobre a Poesia Brasileira.

(Continuado do N.º antecedente.)

Para que os canticos do Sr. Magalhães fossem um verdadeiro monumento de litteratura patria, era preciso que re-

presentassem a indole e o caracter nacional, que sua musa peregrina depois de conversar com o entusiasmo frenetico de Byron, e as harmonias religiosas de Lamartine, não se esquecesse de pousada á sombra de nossos coqueiros inspirar-se de toda esta nossa natureza: na lyra do Bardo ou no alaude do Trovador, exalçar as reminiscencias desse passado heroico, brilhante, e cavalheiroso, dessas cruzadas de civilização Gothica com a barbaria Americana.

Nem de leve nos perpassa pela mente o minimo desejo de desbotar a gloria tão bem adquirida do Sr. Magalhães; sua reputação solidamente firmada entre nós nos seus *Suspiros Poeticos* é superior á nossa critica; mas não podemos deixar de lamentar a funesta influencia que exerceu sobre nossa poesia; desprezando as pictorescas e grandiosas scenas do nosso paiz, de nossas bellas tradições que ahi jazem ainda em silencio á espera de um cantor digno dellas para arrancal-as ao olvido, foi — tão longe da patria — buscar inspirações para sua alma, e accents para sua lyra; e essas inspirações prestou-lh'as o theatro do velho mundo, e esses accents elle bebeo-os nas harpas dos poetas romanticos, e tornou-se assim quanto ao fundo e quanto á forma interprete e imitador dos mesmos; em lugar de empregar o genio que lhe coube em sorte para estrear entre nós uma carreira inteiramente nacional, nada mais fez que furtar-nos ao jugo do classismo portuguez para nos impor outro mais pezado: a tão encomiada epoca que abriu para nossa poesia é caracterisada por uma admiração cega e fanatica pelos poetas da escola romantica, que nos lançou em tão baixo servilismo destruindo todas as esperanças que por ventura poderíamos conceber de tão cedo apparecer alguma litteratura a qual pudessemos chamar — nossa—.

Ainda nos dariamos por felizes se todos soubessem imitar brilhantemente como o Sr. Magalhães sacodindo como elle a poeira das escholas. Seu genio o tinha feito para ser original; mas escuitando tão de perto os accents da poesia moderna, com os ouvidos peijados dessa harmonia melancolica e suave exhalada da alma religiosa de Lamartine, seu modelo favorito, não poudesquivar-se ao impulso que se communicava ao seu espirito; porem a travez da imitação resumbra nas suas poesias alguma coisa que lhe é proprio, e o distingue do seu modello.

Imitando os poetas do christianismo o Sr. Magalhães comtudo não levou a imitação a ponto de copiar; um alinhamento nobre, um tom singelo e magestoso, um calor sempre sustentado, mais uncção e sentimentalismo do que luxo de imaginação, linguagem facil e rica, metrificacão harmoniosa e desaffectedada forma a base do caracter de suas produções, isenta da melodia requintada dos Elmanistas, e dos

hyperbatons duros de Francisco Manoel, é como elle confessa em suas poesias:—

Meus versos são suspiros de minha alma
Sem outra lei que o interno sentimento--

A alma se lhe derrama arquejante cheia de fogo nos seus cantos: sua musa sempre olhando para o Céu, para onde dirige seus suspiros ardentes, parece desdenhar o colher sobre a terra ornatos para trajar-se, e vibra nua a linguagem inflamada do sentimento; por isso sempre claro seu pensamento brilha atravez de roupas diafanas e modestas, e não é mister procural-o a custo no meio de um turbilhão de flores.

Lá no seu exilio jamais se esquece de sua querida patria gravada n'alma, e no meio dos seus cantos vem-lhe continuamente á lembrança sua imagem offerecendo-lhe ás vezes um ou outro perfume de seus bosques, uma ou outra harmonia de suas campinas, que elle enlaça nos seus hymnos. Quando cheio de patriotismo dirige ao Céu preces ardentes por ella, quando n'um dos mais admiraveis de seus cantos seu zelo se inflama, com que enthusiasmo não se dirige á mocidade brasileira? não querendo dissimular a verdade reprehende-a com tom amargo de sua indolencia, com imagens cheias de fogo lhe faz comprehender a importancia de sua missão! Então não parece mais um poeta que se apraz nos palacios da imaginação, vibrando a poesia com todo o ardor de um profeta, parece o anjo tutelar do Brasil.

Coisa admiravel! foi sentar-se nos destroços de Roma, e inspirar-se com a musa melancolica dessa rainha descahida; foi perder-se na admiração exaltada pelo homem do seculo, por esse gigante das batalhas, e ergueo-lhe um hymno ainda mais sublime e harmonioso que todos os anteriormente exhalados!

As grandes qualidades do Sr. Magalhães o collocão a par de Caldas, com o qual seu genio tem grande analogia; este porem nunca se affasta da austera magestade da Biblia onde bebia todas as suas inspirações; aquelle mais flexivel derrama nos seus cantos as flores do romantismo; o estillo do primeiro é mais trabalhado e correcto, o do segundo é facile fluente, reinando nelle uma especie de abandono ou negligencia que constitue um dos seus maiores encantos.

Parece que a musa brasileira clamava-lhe contra semelhante usurpação, e de volta ao Brasil quiz reconciliar-se com ella compondo o seu poema a Confederação dos Tamoios porem tarde veio o antidoto, o gosto estrangeiro já tinha fanatisado tudo: tal foi o prestigio de sua musa

Nossos ouvidos sedentos de harmonia escuitão com avidez o canto do estrangeiro, e o brilho das lettras francezas nos traz tão absortos e em tão profunda fascinação que não

nos permite o recolher-mo-nos em nós mesmos, e escutar-mos o echo intimo da alma, a unica fonte de tudo quanto ha de grande e original: sua lyra emballou, e adormeceu em tão profundo somno o espirito nacional que tão cedo não despertará. O espirito francez inteiramente evasado em nossa litteratura não faz mais que perverte-la e desvial-a totalmente de sua natural direcção dessa direcção que é isenta de toda a influencia estranha, que brota expontaneamente do fundo da indole nacional, e fiel expressão de sua vida intima della recebe todo o seu vigor e belleza; e todo o desenvolvimento litterario de qualquer povo tendo estes caracteres, não passará de um verniz artificial e sem consistencia que longe de fazer sua ufania, só serve para revelar sua pobreza e incapacidade.

A poesia franceza tão brilhante e rica qual é transplanteda para nosso clima, assemelha-se ao pomo que colhido ainda verde e deixando de nutrir-se com a seve do tronco adquire madurez forçada e sabor agro e desagradavel; sendo somente um adorno postico, e faltando-lhe o alimento de nacionalismo, que lhe communica vida e originalidade, murcha como um ramo escachado do seu tronco, e desvai-se como a torrente desviada do seu leito: é um artificio brilhante que encantarà por alguns momentos a imaginação, mas frio porque falta-lhe um calor que só vem dos seios d'alma, essa força que abala profundamente a phantasia, e infiltra-se no mais intimo do coração.

A imitação é o refugio dos espiritos estereis, das almas áridas de sentimento; só não ousa quebrar-lhe as cadeias quem não acha em si mesmo esse fundo de sensibilidade e enthusiasmo, essa abundancia de idéas e imagens que produzem a originalidade; mas a mocidade brasileira cujo coração palpita de vida e dedicação por tudo quanto é bello e grande deve ser assaz activa para sacudir o jugo que pesa sobre seu collo.

E para isso duas fontes se abrem fecundas de inspirações para a muza brasileira—o nosso passado, e o nosso presente—a raça extincta e a dominadôra. Naquelle que é os nossos tempos heroicos, acharemos essas aventuras romanescas, esse heroismo das idades primitivas que tão vasto assumpto dão para o genero historico, como o drama e a epopêa: a historia, as tradições, os usos e costumes bisarros e barbaros das tribus brasileiras, suas continuas luttas, já entre si, já com os europeos, todas essas reminiscencias de nossa historia primitiva tão cheias de heroicos accidentes e aventuras romanescas, são ricos thesouros de poesia nacional que devemos-nos apressurar em

salvar das garras do olvido, consagrando-os perduravelmente nossos cantos.

Nosso presente, já mui diverso do passado, modificado pela aura da liberdade politica que respiramos, tambem nos póde inspirar sublimes cantos: se naquelles revivem esses povos que a crueldade de nossos pais exterminou, e cuja memoria estará ligada eternamente ao solo, que lhes usurpamos, choremos suas desgraças; nestes pintaremos a nós mesmos e a nossa época sem deixar esta incubencia ás idades futuras, e elles serão a fiel expressão de toda a nossa existencia actual: se naquelles exhalamos nossa saudade pelas heroicas eras que se passarão, nestes respirará nossa confiança no presente e esperança do futuro: — mas desgraçadamente estes ricos materiaes não tem sido aproveitados, e se alguém lança mão delles é para revesti-los das fórmulas guindadas e aerias do capricho e estravagança da moderna escolla, as quaes de maneira alguma lhes quadra, pois que o nacionalismo não consiste só na essencia, não basta que o fundo seja proprio, é mister tambem que o colorido se harmonise perfeitamente com elle.

Talvez seria mais conveniente para o desenvolvimento do espirito nacional entregarmo-nos ainda aos classicos dos periodos mais brilhantes da litteratura portugueza, mas só quanto á fórma, pondo de parte a mythologia grega; se ainda nos não achavamos na senda que deviamos trilhar, ao menos não estavamos della tão affastados como hoje; eramos para com elles isentos dessa admiração fanatica que suffoca inteiramente a voz do nacionalismo; tambem elles, os Lusos imitarão ás vezes com demasiado escrupulo os Gregos, e Romanos, mas não tão servilmente que não vislumbre alguma originalidade nesses eternos monumentos que nos legarão, o seu caracter nacional mui fortemente enunciado não podia curvar-se inteiramente sob a influencia estrangeira. Seja que se ressentissem ainda da influencia dos arabes por tanto tempo dominadores na peninsula, ou pelo intimo contacto em que se acharão com os povos asiaticos depois que o Gama lhes abriu o caminho das Indias, acha-se em suas composições, maxime nas bucolicas, um toque mui sensivel de orientalismo: essa litteratura de uma nação vigorosa e cheia de vida a qual sentia sincera e profundamente o que consignava em seus cantos seria um modello senão muito adequado todavia muito menos perigoso para nós. Deveríamos porem cingir-nos aos poetas antigos pois que entre os modernos vão-se apagando esses caracteres distinctivos da poesia nacional; as nações

tem-se congraçado de tal sorte pelo commercio que umas recebendo de outras seus usos e costumes, partilhando reciprocamente o seu sentir e pensar, o que constitue propriamente sua nacionalidade, vão-se tornando uniformes, revestindo-se assim do mesmo character poetico, bem como acontece com a politica e religião, e se isto ainda não é assim podemos com segurança affirmar que acontecerá quando mais, apertarem os laços que os ligão: então só lhes restará a diversidade das linguas, por que o encanto da poesia, a imaginação mais ou menos fogosa de cada povo, enfraquecer-se-ha pelo contacto das civilisações, anteriores:—é o resultado da época mercantil. A musa antiga era singela e ingenua como a zagaleja de Bethel, ou como a pastorinha da Arcadia suas vestes singelas não abafavão mas antes lhe realçavão as fórmãs puras e elegantes e as graças de seu donoso porte; assim com o andar dos tempos envergonhou-se como Eva no paraizo de sua nudez, sonhou novos enfeites, e foi perdendo pouco a pouco sua amavel singeleza, foi de dia em dia tornando cada vez mais sumptuosos seus trajos té que alfim apresentou-se com tanto fasto, e tão coberta de adereços como a Odalisca do harem do Sultão; e a musa moderna marcha curvada debaixo do peso de mil adôrnos.

Não deve ser esta a linguagem de nossa musa não, ella deve enfeitar-se com a florinha de nossos vales, co-roar-se com ramos de cafeseiros, e a querer imitar, ir procurar emballar-se nos cantos infantis dos outros povos, respirar com elles essa frescura, innocencia, e viço, da simples natureza.

Um facto que salta aos olhos do observador, e que é uma das causas mais poderosas do acanhamento e servilismo em que se achão nossas letras é essa criminosa indifferença, que eu taxarei de falta de patriotismo, que nos faz desprezar, o que é nosso para arrebatarmo-nos de admiração diante das producções estrangeiras: livros europeos rolão por todas as mãos, nós os folheamos quotidianamente, conhecemos o que se passa e se pensa na Europa, e nada ha que nos estimule a estudar com attenção, a historia patria, e desenterrar do pó das bibliotecas esses poucos monumentos onde se achão consignadas nossas tradicções historicas.

Outra causa que retarda a época da emancipação de nosso espirito, é que inda as luzes das sciencias e artes não se derramarão pelo imperio, e as que existem estão inteiramente concentradas na capital: as provincias par-

ticipão mui fracamente do reflexo d'essa civilização; é lá, onde todas as atenções convergem continuamente para a Europa, que se resume quasi exclusivamente todo o nosso mundo litterario, não sendo essa cidade mais que uma cidade europêa encravada no territorio brasileiro: — portanto só quando o luzeiro da civilização diffundir suas luzes pelas provincias, e desenvolver-se — aclimatada — igualmente por toda a extensão do imperio, o espirito nacional se despertará, e communicará sua seiva ás suas produções, e o caracter nacional refletir-se-há mais saliente na nossa litteratura.

Provavelmente ella não será uniforme, apresentará tantas variações quanta é a diversidade de nosso clima e solo: o caracter dos povos das campinas abertas do Sul divergirá essencialmente dos habitantes das nimbosas e auríferas serranias de Minas, e dos filhos das gigantescas e magestosas florestas do Pará.

Demais a triplice diversidade das raças que predominão no sul, no centro, e norte e a differença de suas occupações sendo uns pastores, outros mineiros, e outros agricolas fal-a-ha ressentir-se de todos esses caracteres; e assim nossa litteratura assimilar-se-ha á arvore que produz pômos de natureza diversa, e successivamente desde os hymnos ternos e voluptuosos dos Italianos, as sombrias e fantasticas canções dos bardos da Caledonia, desde o gosto delicado e fino dos Francezes té os exaggerados sonhos e a linguagem mistica e simbolica dos orientaes, ella apresentará as produções mais variadas.

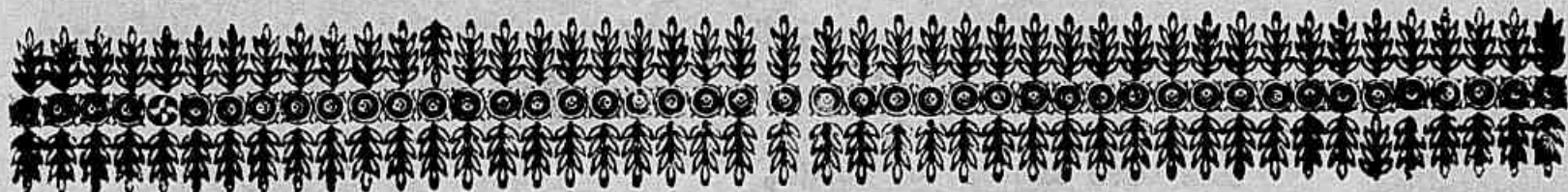
Uma observação cumpre-nos fazer a respeito do espirito da nossa época; é que elle tem querido transtornar a ordem eterna e necessaria do desenvolvimento litterario das nações; ainda na infancia fraco para pleitear tão a peito com as luzes da philosophia devia aproveitar-se dessa brilhante faculdade que domina no berço dos povos — a imaginação; cantar, e inspirar-se; mas tem com essa pretensão gasto e enfraquecido a fantasia, perdido por consequencia — sua poesia — e juntamente nada conseguido nas sciencias.

Só quando apparecer um genio verdadeiramente patriotico e grande que ousando quebrar as cadeias da imitação alçar o estandarte da regeneração poetica, o Brasil possuirá uma litteratura nacional! Um homem porem dotado de grande gosto para a poesia, poeta em toda a extensão da palavra, não contaminado pela epidemia da imitação, e que poderia salvar a nossa nacionalidade poetica, tem-se con-

servado indifferente e egoista no meio da corrupção geral
—fallo do Sr. Odorico Mendes.

S. G.

(*Continúa*).



POESIAS.

HARMONIAS.

I.

ELLA.

Vem minha harpa harmoniosa
Vem chorosa
Vem carpir meo negro fado ;
Que uns olhares soberanos,
Mais que humanos,
Me fizerão desgraçado.

—

Languidos são como um sonho
Bem tristonho
Minha amada os olhos teos ;
Quando mesmo vertem prantos ,
Tem encantos ,
Como os da aurora nos Céos.

—

E' como o odor da cecem ,
Oh meo bem ,
Tua voz harmoniosa ,
Pelas auras emballada
Na vallada ,
Em aurora vaporosa.

—

E' macio teo semblante ,
Minha amante ,
Como os flocos do algodão ;
Como a passagem do ar
A deslizar
Por dentro do coração.

—

A belleza é como a roza
 Melindrosa
 No palacio de esmeralda:
 No albor da manhã respira,
 Logo expira,
 Da collina junto á falda.

Em teos labios de coral,
 Sepulchral
 Não venha o vento adejar
 Sem que eu frua, minha vida
 Tão querida,
 Perfume que vae secar.

Da que nelles pouse um beijo,
 P'ra um desejo
 Extinguir n'alma abrasada;
 Será a dita primeira
 Feiticeira
 Na terra por mim lograda.



II.

(DE VICTOR HUGO).

Quando eu dormir, oh chega-te ao meo leito
 Como a Petrarca apparecia Laura,
 E no passar teo halito me toque,
 Que minha boca
 Se entreabirá.

Na fronte, onde talvez expire um sonho
 Negro, que á tempo longo atormentava-me,
 O olhar teo se eleve como um astro,
 Logo meo sonho
 Radiará.

Depois nos labios meos que inundão chamas,
 Raios de amor por Deos acrisolados
 Pousa um beijo —mulher torna-te um anjo—
 Então minha alma
 Despertará.



III.

SUA VOZ.

Ouves o som da frauta harmoniosa

A' gemer saudoza
Como affagando o horror das penedias
Com doces harmonias?
Ouves o som das auras pela selva
Murmurando na relva?
Ouves o trepidar d'esse ribeiro
A beijar feiticeiro
O seio da florzinha que na margem
Sob verde folhagem
Toda expraia-se em vida, melindrosa
A vegetar viçosa?
Ouves a triste nenia ao sabia
No alto jetubá
A festejar a aurora que desponta
Ou o sol que transmonta
Da cimeira escalyada d'um penedo
Por ingreme fraguado?
Ouves o cantar bronco do pastor
Da aurora no albor
Pousado á humida sombra do coqueiro
Tão triste, tão fagueiro
Ir despertar os echos da arvorada
Na canção magoada?
Ouves de uma harpa requeimada o canto
Da amada pelo pranto
As brandas cordas destillando amor
Nas mãos do trovador?
Ouves o som de um labio purpurino
Em um sonho divino
Eetremecer queixoso e supplicante,
Como votos de amante,
Qual susurro de idéa enamorada
Pela fronte da amada
Ou o baixo murmurio de uma prece
N'uma alma que padece?
Ouves o som do beijo harmonioso,
Humido, vaporoso.
Do mar que se expreguiça sobre a areia
Que de lirios se arreia?
O rumor que um par terno de rolinhas
Ai, tão innocentinhas
Faz co'as azas de seda dividindo

Um céo formoso e lindo?
Tudo é menos que a voz de uinha amada
Oh minha harpa adorada!

O. A.



CHRONICA LITTERARIA.

ANNUARIO DO BRASIL.— Sahio á luz da publicação, no Rio de Janeiro em casa de *Firmin Didot et freres*, o *Annuario do Brasil*, primeiro anno, 1846, em um volume de 500 paginas de boa impressão. Com empenho aguardavamos a publicação d'essa obra que se nos promettia, senão perfeita, ao menos boa como um ensaio que era. Na leitura porem se nos desvanecerão conceitos que sobre ella formámos: nem um ensaio se pode chamar, que apenas apontamentos sobre cousas do Brasil, sem forma e nexó no seu desenvolvimento, que ás vezes desprezando os factos importantes da historia, desce ás particularidades da chronica: e nem a historia é bem descripta, nem a chronica bem narrada e distincta. Sohida á planejar imparcial e severa sobre as acções do homem quando entrão na esphera da humanidade, a historia se desfigura e morre quando encadeada no circulo da familia e subjugada pela individualidade: e é o que apparece á escalla de vista no *Annuario*!

Bem mesquinha e limitada se traça ahi a nossa vida historica, e a nossa chronica não se estende fóra do Rio de Janeiro; é a falla do trono que se ouve á abertura das camaras, os relatorios dos ministros que se lêem no *Jornal do Commercio*, uma estatistica das repartições, e afinal alguma noticia bem rara de provincia transcripta nos jornaes da côrte, e um necrologio que mais transpira pelas dores e lagrimas da familia, do que por interesse moral ou politico, scientifico ou litterario. E com isso se faz um *Annuario*.

Aqui nos ficamos de proposito, e empenhamos os nossos leitores para uma analyse mais minuciosa e circunstanciada que fez do *Annuario* um de nossos membros collaboradores, da qual daremos nota no proximo numero.

INDEPENDENCIA DO BRASIL.— Deo-se ao prelo o primeiro volume da — Independencia do Brasil — poema epico em 12 cantos pelo Sr. A. G. Teixeira e Sousa: este volume contém os seis primeiros cantos. Para o seguinte numero, nos guardamos por falta de espaço á publicação de uma critica litteraria da primeira parte deste poema pelos membros A. e O. A.

PENSAMENTOS E MAXIMAS.

O delirio na virtude produz tão funestos resultados, como o culculo no vicio.

A sciencia do bem viver é tão vasta como o oceano porque abrange uma biblioteca onde cada homem é um volume.

* * *

**CHARADA.**

Quem dera provar-te
No calix das flores:
Quem dera encontrar-te
Em labios de amores.— 1

Do tempo veloce
Medida constante;
Das trevas medonhas
Anda sempre avante,— 2

Mais velha que duas
De seis uma sou
Mais moça que tres
Com ellas estou.— 1

O arpejo da lyra
E d'harpa o gemido
Que esvae-se no espaço
Tão meigo e dorido.— Conceito.

O nome da Charada do 1.º N.º é — Elisa.—

**INDICE DAS MATERIAS.**

Intervenção por Officios de Humanidade, por * * * pag. 1.
Breves Considerações sobre o Romance, por A. P. F. pag. 3.
Imaginação — Um meditar, por C. pag. 7.
Estudos sobre os Costumes Nacionais—O Pescador, por Imdái pag. 9.
Reflexões sobre a Poesia Brasileira, por S. G. pag. 13.
Poesia — Harmonias, por O. A. pag. 20.
Chronica Litteraria, pag. 20.
Pensamentos e Charada, pag. 24.

ERRATUM.

<i>Paginas</i>	<i>Linhas</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
2	25	no sacrario	o sacrario.
„	33	não se podem	não se devem.
„	10	conciso	conciso
6	13	reminescias	reminiscencias.
8	51	alta	pausa.
11	4	poocura	procura



*Assigna-se na rua da Constituição N. 15.
O preço da assignatura é de 2\$000 rs. por tri-
mestre, e para fora da cidade 2\$500 rs. pagos
adiantados.*

Numero avulso 800 rs.

SAIRÁ BREVEMENTE À LUZ DO PRELO.

*A MORTE DE SOCRATES de Lamartine, e o ÚLTIMO
CANTO DO CHILD-HAROLD, versão portugueza em
verso de A. L. O. A. Formará tudo um volume in-
16 francez: assigna-se desde já nesta typographia,
a 1\$000 o volume.*